

# Temor de segunda onda da covid-19 derruba mercados

Bolsas nos Estados Unidos e na Europa fecham em forte baixa. No Brasil, Ibovespa recua 4,25% e dólar vai a R\$ 5,76

A preocupação com o crescimento acelerado de casos de covid-19 na Europa e nos Estados Unidos, que está levando à adoção de mais medidas de restrição, sobretudo na Alemanha e na França, provocou forte movimento de fuga de ativos de risco no mercado internacional. A maioria das principais bolsas de valores teve queda expressiva, enquanto o dólar apresentou valorização.

Nos EUA, os mercados de capitais de Nova York encerraram em baixas superiores a 3%. O índice VIX, espécie de termômetro do medo em Wall Street, disparou 20,78%, a 40,28 pontos, no maior nível desde junho, segundo a imprensa americana. Na Europa, a situação foi similar – as bolsas de Londres, Paris e Frankfurt recuaram na faixa de 2% a 4%.

O receio da segunda onda de covid-19 sobre a atividade econômica também bateu forte à porta da B3, a bolsa brasileira, levando o Ibovespa a limitar o avanço em outubro a 0,81%, após ter chegado próximo de 8% na semana passada – perto então dos ganhos mensais vistos entre maio e julho, quando se firmava recuperação iniciada em abril. Ontem, o índice da B3 fechou em queda de 4,25%, aos 95.368 pontos, no menor nível desde 2 de outubro, elevando as perdas do ano a 17,53%.

A perda de quase 6% na semana é até aqui a pior desde o tombo de 18,88%, o maior da crise pandêmica, observado no intervalo entre 16 e 20 de março, no início da quarentena. Desde o fechamento de 30 de abril, quando caiu 3,20%, o Ibovespa não encerrava o dia em queda superior a 3%.

A pressão para desvalorização do real vai permanecer nos próximos meses, em meio ao aumento do risco fiscal do Brasil, a falta de reformas estruturais e o juro real negativo (taxa Selic menor do que a inflação medida pelo IPCA), avalia o banco Société Générale. A previsão é de que o dólar deve fechar 2020 em R\$ 5,80 e ir para perto de R\$ 6 em 2021, terminando o próximo ano em R\$ 5,95.

Nesse ambiente, o real corre o risco de repetir em 2021 o fraco desempenho deste ano, sendo novamente a moeda de países

emergentes com pior desempenho ante o dólar.

O estrategista do Société Générale para mercados emergentes, Dav Ashish, prevê que neste ambiente de falta de avanço das reformas, deterioração fiscal e ainda um desempenho fraco do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil e do mundo, a expectativa é de fluxos de capital externo “tímidos” em 2021, o que deve ajudar a manter o câmbio pressionado.

## Eleições

Além da segunda onda de pandemia na Europa e enquanto os EUA ainda não conseguem diminuir o número de casos, a eleição americana permanece como fator de incerteza a ser ponderado pelos investidores. Após a frustração com a falta de entendimento entre republicanos e democratas sobre novo pacote de estímulos fiscais, a dosagem das medidas, quando e se vierem a se materializar, é outro fator de dúvida.

– A pandemia segue em curso nos EUA, com piora no centro-sul do país, o que no momento não tem chegado à atenção do mercado, concentrado na eleição americana – afirmou Renato Chain, economista da Parallaxis Economia.

Presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen disse que o número de casos na Europa deve continuar crescendo nas “próximas duas a três semanas”, enquanto países como França e Alemanha estão apertando regras de restrição de circulação (*leia mais na página 18*).

## Turbulência

Variação das bolsas pelo mundo

São Paulo	-4,25%
NY/Dow Jones	-3,43%
NY/Nasdaq	-3,73%
NY/S&P	-3,53%
Londres	-2,55%
Frankfurt	-4,17%
Paris	-3,37%
Milão	-4,06%
Hong Kong	-0,32%
Xangai	+0,46%
Tóquio	-0,29%



Rumo dos negócios na Bolsa de Nova York (prédio com bandeiras) é afetado por avanço de casos de coronavírus

## Copom mantém juro básico em 2%

Em meio ao aumento da inflação de alimentos que começa a estender-se por outros setores, o Banco Central (BC) não mexeu no juro básico da economia. Por unanimidade, o Comitê de Política Monetária (Copom) manteve a taxa Selic em 2% ao ano. A decisão era esperada pelos analistas financeiros.

Em nota, o Copom informou que, apesar da alta observada no preço dos alimentos e de itens industriais, o efeito sobre a inflação será temporário. O colegiado, no entanto, aumentou a projeção para a inflação oficial em 2020, de 2,1%, em setembro, para 3,1%, agora. Esse cenário supõe a manutenção do juro básico em 2% ao ano e dólar em torno de US\$ 5,60.

Sobre as perspectivas econômicas, o comunicado ressaltou que o ressurgimento da pandemia de covid-19 em diversos países tem provocado a desaceleração da retomada em diversas economias. No cenário interno, o Copom informou que a recuperação segue desigual nos setores da economia e que a incerteza permanece acima da usual, sobretudo para o período de fim de ano, com a redução do auxílio emergencial.

Com a decisão de ontem, a Selic permanece no menor patamar de sua história. A taxa é o principal instrumento do Banco Central para manter sob controle a inflação oficial, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Nos 12 meses terminados em setembro, o indicador fechou em 3,14%.

Embora esteja em aceleração por causa da alta dos alimentos, o IPCA continua abaixo do nível mínimo da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), de 4% ao ano, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual. O índice, portanto, não poderá superar 5,5% neste ano nem ficar abaixo de 2,5%. A meta para 2021 foi fixada em 3,75%, também com intervalo de tolerância de 1,5 ponto percentual.

O juro básico é usado nas negociações de títulos públicos no Sistema Especial de Liquidação e Custódia (Selic) e serve de referência para as demais taxas da economia. De modo geral, a redução da taxa Selic (ou a permanência em nível baixo) estimula a economia porque juros menores barateiam o crédito e incentivam a produção e o consumo em um

## Na mínima histórica

Comportamento da taxa Selic, em % ao ano

2019	
Fevereiro	6,5
Março	6,5
Maio	6,5
Junho	6,5
Julho	6
Setembro	5,5
Outubro	5
Dezembro	4,5
2020	
Fevereiro	4,25
Março	3,75
Maio	3
Junho	2,25
Agosto	2
Setembro	2
Outubro	2

cenário de baixa atividade econômica. Porém, enfraquece o controle da inflação. Ao reajustá-la para cima, o BC segura o excesso de demanda que pressiona os preços, porque juros mais altos encarecem o crédito e estimulam a poupança.